

Não era o corpo que na morte lenta
cahia a cada fibra que rebenta,
partindo frageis laços;
era o crâneo sem o fogo que incendeia,
era a mente pedindo o sol da ideia,
genio pedindo espaços...

Pesadelo cruel — noite sombria
em que na fronte ardente a bruma fria
do desalento pousa,
drama negro — noivado singular,
onde é noivo um abutre — o esquife altar,
leito a pedra da lousa.

E'ra pungente a scena e Deus piedoso
chama do excelso côro Anjo formoso
e à terra o faz baixar;
põe-lhe na fronte um iris fulgorante,
no olhar um lampejo scintillante
e manda a terra acordar...

O Anjo desce — das azas sacudindo
estrelas — que nos ares se espargindo
transmudão-se em pharoes;
e o homem, grande cego em noite grande,
sente os raios da luz — surge e s'expande
vê novos arreboes.

E ao halito celeste — ao divo sopro
tudo se anima então — o artista o escopro
toma nas mãos e o marmor põe de pé;
o poeta encara o Céo — e em cada estrella
vê um sol que se ergue — e a crença bella
dá-lhe o canto da fé.

Architecto de fulgidas chimeras,
o sabio — o pensador das grandes eras,
se arranca a luz dos sonhos da utopia,
é que a crença o alenta no delyrio,
e coroa Archimedes no martyrio,
Galiléo na enxovia...

O nauta — pigmeu aventureiro,
de pé sobre os abysmos — soberano
corre em demanda das ignotas plagas,
por leito o mar immenso — o Céo por tecto,
e da procella filho predilecto
embala-se a dormir nas grandes vagas....

Se o guerreiro na pugna audaz, renhida,
vae jogar por um louro a propria vida
do fumo sob o veu sonhando a gloria;
é que a crença fervendo-lhe no peito,
faz-lhe do corpo nobre parapeito,
baluarte onde abriga-se a victoria...

A virgem que ao pezar a fronte inclina,
flor que não beijão auras da campina,
da crença á luz palpita, anhela e cõra;
e ao beijo divinal que o Anjo envia
sente do amor o raio que allumia,
e num sorriso puro abre nma aurora...

E o Anjo que a luz entorna
cumpre os decretos de Deus;
salva-se o mundo na crença,
e o Anjo se ergue p'ra os Céus...

E as almas para a crença se acordarão,
a mente teve auroras que brilhárao,
o genio teve os Ceus;

só a crença salvou tantos proscritos.
a crença — mãe dos martyres contrictos.
a crença, irmã de Deus...

Did' mo Junior.

(Continua.)

VARIÉDADES.

Damos em seguida a transcripção de uma carta, de que já fallámos, que foi dirigida pelos mais competentes amadores musicas da corte ao distinto compositor H. A. de Mesquita.

Contento-me hoje com esta transcripção.

Brevemente publicará a *Vida Fluminense* o retrato e biographia de tão distinto maestro; nessa occasião terei ensejo de unir minha voz á dos illustres signatários da carta.

A. de C.

Ilm. Sr. Henrique Alves de Mesquita.

Os abaixo assignados, admiradores do vosso brilhante talento, resolverão dar-vos um publico e solenne testemunho da alta consideração, com que o apreciam, oferecendo-vos uma batuta para regerdes as grandes obras de vossa fecunda inspiração.

Quando elles ouvem vossas sublimes composições sacras, em que com tanta maestria e unção religiosa louvais a Magestade Divina, e exprimis os puros sentimentos de devoção, amor, respeito e dedicação de seus filhos, e de sua fé e esperança na justiça e clemencia do Omnipotente, sentem se como que transportados ás regiões celestes, ouvindo o cantico dos Anjos a entoarem glorias ao Altissimo, e enchem-se de prazer e orgulho patriótico, contemplando no sublime Cantor um « Genio Brasileiro ».

Aceitai, pois, este pequeno signal de nosso elevado apreço, e a mais sincera manifestação de nossa estima e admiração.

Rio, 17 de Dezembro de 1868.

Francisco José Soller.
Henrique Jorge Cussen.
Pedro Maria Narro.
José Corrêa de Aguiar.
Eduardo Henrique Cussen.
H. Alonso Baptista Franco.
Ernesto Dismarais.
João Carvalho de Souza e Mello.
R. Foster Vidal.
Antônio José Costa Ferreira.
Filipe Joaquim de Freitas.
Carlos Victor Boisson.
Augusto Weguelin.
Narciso Luz Braga.
Domingos Mouinho.
Belmiro J. Soller.
Pedro Paulino da Fonseca.
E. S. Asquene.
Antônio Francisco Xavier.
Ernesto Carvalho Souza e Mello.
João Henrique da Conceição.
Numa do Rego Macedo.